



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO ABAETETUBA – POLO ACARÁ/PA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EMILLY SANTOS ANDRADE

O FENÔMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo sobre as práticas
escolares no município de Acará/PA.

ACARÁ/PA
2026

EMILLY SANTOS ANDRADE

O FENÔMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo sobre as práticas
escolares no município de Acará/PA.

Trabalho de Conclusão Curso, apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba – PA, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Crisolita Gonçalves dos Santos Costa

ACARÁ/PA
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237f Santos Andrade, Emilly.
O FENÔMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:
um estudo sobre as práticas escolares no município de Acará/PA. / Emilly
Santos Andrade. — 2026.
31 f.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Crisolita Gonçalves dos Santos Costa
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba,
2026.

1. Bullying. 2. Cultura escolar. 3. Mediação de conflitos.
4. Prevenção. 5. Violência escolar. I. Título.

CDD 302.343

EMILLY SANTOS ANDRADE

O FENÔMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo sobre as práticas
escolares no município de Acará/PA.

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado como
requisito para obtenção de grau no curso de licenciatura
em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará

Orientador(a): Profa. Dra. Crisolita Gonçalves dos
Santos Costa

Data de aprovação: ____/____/____

Conceito:

Banca Examinadora:

Orientadora
Profa. Dra. Crisolita Gonçalves dos Santos Costa - UFPA

Examinadora interna
Profa. Dra. Rafaela Aquime - UFPA

O FENÔMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo sobre as práticas escolares no município de Acará/PA.

Emilly Santos Andrade¹

RESUMO

O bullying entre estudantes é um comportamento agressivo ainda muito presente no ambiente escolar e pode gerar diversas consequências para o desenvolvimento emocional, social e educacional das vítimas. Esta pesquisa fundamenta-se em estudos que discutem o fenômeno bullying, especialmente nas contribuições de Fante (2005), Lopes Neto (2005), Silva (2010), que discutem e analisam sobre as manifestações dessa violência nas escolas e os impactos emocionais e sociais causados nas vítimas. O presente Trabalho de Conclusão tem como objetivo identificar como as escolas do município de Acará/PA têm desenvolvido ações de prevenção e combate ao bullying no contexto escolar. A pesquisa se ancora numa aproximação com a abordagem qualitativa e caracteriza-se como pesquisa de campo. Para a coleta de dados, foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada, tendo como sujeitos três professoras da instituição investigada. Os resultados evidenciaram que, embora as docentes reconheçam a ocorrência do bullying, especialmente em suas manifestações verbais e simbólicas, a escola pesquisada não dispõe de projetos institucionais sistematizados voltados à prevenção e ao combate dessa prática. As ações identificadas ocorrem de forma pontual e reativa, geralmente por meio de orientações e diálogos realizados pelos professores diante de situações específicas. Conclui-se que a ausência de políticas pedagógicas contínuas fragiliza o enfrentamento do bullying, tornando necessária a implementação de projetos educativos permanentes que envolvam toda a comunidade escolar, visando à promoção de um ambiente escolar mais seguro, inclusivo e pautado no respeito mútuo.

Palavras-chave: Bullying; Cultura Escolar; Mediação de Conflitos; Prevenção; Violência escolar.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará – UFPA
E-mail: emillyandradeufpa@gmail.com

ABSTRACT

Bullying among students is an aggressive behavior that is still very present in the school environment and can generate several consequences for the emotional, social, and educational development of victims. This research is based on studies that discuss the phenomenon of bullying, especially the contributions of Fante (2005), Lopes Neto (2005), and Silva (2010), who analyze the manifestations of this violence in schools and the emotional and social impacts caused to victims. This Course Completion Work aims to identify how schools in the municipality of Acará/PA have developed actions to prevent and combat bullying in the school context. The research is based on a qualitative approach and is characterized as field research. For data collection, a semi-structured interview was used as the instrument, having three teachers from the investigated institution as participants. The results showed that, although the teachers recognize the occurrence of bullying, especially in its verbal and symbolic manifestations, the researched school does not have systematized institutional projects aimed at preventing and combating this practice. The identified actions occur in a punctual and reactive manner, usually through guidance and dialogues carried out by teachers when specific situations arise. It is concluded that the absence of continuous pedagogical policies weakens the confrontation of bullying, making it necessary to implement permanent educational projects that involve the entire school community, aiming to promote a safer, more inclusive school environment based on mutual respect.

Keywords: Bullying; School Culture; Conflict Mediation; Prevention; School violence.

1. INTRODUÇÃO

O bullying é hoje considerado um fenômeno que traz consequências psicológicas e pedagógicas não apenas para crianças e adolescentes envolvidos, mas também para seus familiares. Essa forma de violência pode provocar mudanças de comportamento, transtornos emocionais, baixo rendimento escolar e até a formação de adultos com dificuldades em lidar com problemas, marcados, em alguns casos, por traços de agressividade (Fante, 2005).

Caracterizado por atos agressivos, intencionais e repetitivos, de natureza física ou psicológica, o bullying visa humilhar, intimidar ou dominar (Olweus, 1993; Fante, 2005). Embora muitas vezes ocorra de maneira velada, trata-se de uma violência que gera graves consequências, afetando o processo de ensino-aprendizagem. No Brasil, a temática ganhou maior visibilidade no início dos anos 2000, quando pesquisas passaram a relacionar casos de suicídio de crianças e adolescentes, sobretudo na Europa, aos maus-tratos sofridos por colegas de escola (Fante; Pedra, 2008).

O presente estudo tem como objetivo compreender como as escolas do município de Acará/PA têm abordado a prevenção e o combate ao bullying. Buscou-se investigar se essas instituições compreendem de que forma essa violência acontece dentro do ambiente escolar, os malefícios que causa aos estudantes e se desenvolvem estratégias para enfrenta-la. O interesse pelo tema também se justifica por uma experiência pessoal marcada pela falta de conhecimento sobre o bullying no período escolar, o que evidencia o quanto o descaso pode agravar essa prática, muitas vezes reduzida a uma simples “brincadeira sem graça”, mas que afeta profundamente a vida das vítimas.

A proposta deste estudo é agregar conhecimentos às escolas, ainda carentes de informações sobre o assunto, e contribuir para que professores, diretores e comunidade compreendam melhor o fenômeno. Dessa forma, consideramos que será possível desenvolver programas que tornem o ambiente escolar mais humano, pautado na cultura da paz e no respeito às diferenças.

Atualmente, pesquisas têm ampliado a compreensão sobre os prejuízos do bullying, mostrando que a falta de esclarecimento aumenta o sofrimento das vítimas e pode, em situações extremas, levar até ao suicídio. Isso reforça a necessidade da escola de assumir papel ativo na prevenção e no combate a essa violência (Silva, 2010).

Partindo dessa perspectiva, entende-se também que é responsabilidade das instituições de ensino criarem mecanismos de prevenção e combate ao bullying, promovendo a formação de cidadãos conscientes, críticos e tolerantes diante da diversidade social (Fante, 2005).

Essa reflexão reforça a necessidade de conscientizar tanto a escola quanto os responsáveis, uma vez que o bullying não se limita a brincadeira de mau gosto, mas sim a uma violência que deixam marcas profundas nas vítimas. Dessa forma, cabe à escola e à família atuar de maneira integrada, incentivando o respeito às diferenças e promovendo valores humanos. Com isso, será possível ajudar as vítimas a superar medos e construir relações de confiança no espaço escolar e familiar.

Do ponto de vista acadêmico, este estudo mostra-se relevante por buscar envolver professores, família e comunidade na linha de frente do enfrentamento dos conflitos escolares. Para os futuros profissionais da educação, compreender e assimilar esses desafios é fundamental para que possam intervir de maneira consciente, responsável e eficaz. A questão que norteia este trabalho é: como acontece a prevenção ao bullying em uma escola no Município de Acará/PA?

Deste modo, tem-se como objetivo geral identificar como as escolas têm trabalhado os meios de prevenção e combate ao bullying no Município de Acará/PA. Os objetivos específicos são dois: investigar a percepção dos professores acerca dos fenômenos e das práticas de prevenção no contexto escolar; e analisar como as ações de prevenção e combate ao bullying tem se efetivado dentro do espaço escolar no município de Acará.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa que busca aproximações com a pesquisa qualitativa, se configura como do tipo pesquisa de campo. A pesquisa representa um caminho para conduzir o trabalho, dispondo de um instrumental elaborado, coerente, claro, com capacidade de conduzir a teoria e a prática, que segundo Ruiz (1996, p.58) “a revisão literária enquanto pesquisa bibliográfica tem por funções justificar os objetivos e contribuir com a própria pesquisa, pois será desenvolvida a partir de material publicado bem como livros e artigos científicos”.

O levantamento bibliográfico contribuiu para a compreensão do tema investigado, possibilitando maior embasamento teórico da pesquisa, a partir das contribuições de diferentes autores que discutem sobre a temática.

Para obtenção de respostas consistentes, foram utilizados na coleta de dados a entrevistas semiestruturadas, os sujeitos da pesquisa serão os professores. Para as entrevistas semiestruturadas foi formulado um roteiro, pois segundo Lakatos e Marconi (2003) o mesmo é um meio eficaz de coletar dados qualitativos, uma vez que permitem uma interação mais flexível com os participantes, possibilitando a exploração de experiências, percepções e narrativas individuais.

Para embasar teoricamente esta pesquisa, recorreu-se a autores que discutem o bullying no contexto escolar. Fante (2005) contribui para essa discussão ao caracterizar o fenômeno como uma forma de violência, presente nas relações escolares, Guareschi (2008) e Lima (2014) destacam o bullying enquanto fenômeno social e relacional, que se manifesta nas relações de poder no ambiente escolar, enquanto Calhau (2009) e Gomes (2012) ressaltam a necessidade de ações pedagógicas preventivas e mediadoras por parte da escola.

O presente artigo está estruturado em três seções. Na primeira: apresenta o histórico do bullying no contexto escolar, abordando sua origem e as principais medidas adotadas para a identificação do fenômeno. A segunda seção trata das interferências que o bullying provoca no contexto escolar, sendo abordadas de forma explícita as consequências desse fenômeno na vida das pessoas, nos aspectos físico, emocional e social. A terceira seção aborda a atuação do professor como mediador na prevenção e no combate ao bullying.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

Esta seção apresenta discussões teóricas que abordam o bullying no contexto escolar, compreendendo-o como uma forma de violência que afeta as relações interpessoais e o processo de ensino-aprendizagem. A partir de diferentes perspectivas acadêmicas, busca-se compreender suas características, manifestações e impactos no ambiente educacional, fornecendo subsídios teóricos que sustentam as análises desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

2.1 - O Bullying como fenômeno de violência

A palavra bullying tem origem no inglês e deriva de bully, que significa “valentão”, “tirano” ou “mandão” (Fante, 2005, p.28). O termo refere-se a “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, sem motivação evidente, praticadas por um ou mais alunos contra outro” (Fante, 2005, p.28). Embora seja hoje reconhecido mundialmente, conforme aponta Fante (2005), ainda há pouca conscientização sobre os danos físicos, psicológicos e emocionais que provoca nas vítimas.

Segundo Fante (2005), o fenômeno é tão antigo quanto a própria escola, mas ganhou maior visibilidade na década de 1970, quando a Noruega registrou um aumento significativo de suicídios entre estudantes de 10 a 14 anos, motivado por maus-tratos sofridos na escola. A repercussão do caso levou a sociedade norueguesa a promover campanhas contra o fenômeno. Nesse contexto, Dan Olweus (1978), pesquisador da Universidade de Bergen, estabeleceu critérios específicos para identificar o bullying e desenvolveu um programa de intervenção que incluía:

[...] desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte dos professores e dos pais, aumentar a conscientização do problema para eliminar mitos sobre o bullying e promover apoio e proteção para as vítimas (Olweus apud Fante, 2005, p.45).

Olweus (1978) definiu o bullying como um ato de agressão repetitivo, praticado por um indivíduo ou grupo contra outro considerado mais vulnerável. Guareschi (2008) complementa que ele pode se manifestar de quatro formas: físicas, verbal, psicológica e virtual (cyberbullying). Conforme destaca Fante (2005) as vítimas frequentemente desenvolvem medo, pânico, depressão e fobia escolar, especialmente quando não recebem apoio ou defesa adequada.

É importante distinguir o bullying das brincadeiras comuns da infância. As brincadeiras geram interação e diversão mútua, quando elas extrapolam limites e assumem características de crueldade e perversidade, passam a configurar violência. Como afirmam Fante e Pedra (2008, p.38):

As brincadeiras acontecem de maneira natural entre as pessoas. Elas brincam, “zoam”, colocam apelidos umas nas outras, dão risadas e se divertem. Porém, quando essas brincadeiras ganham requintes de crueldades, perversidade, e de “segundas intenções” e extrapolam os limites suportáveis [...] não se trata mais de uma simples brincadeira, e sim de um ato de violência.

As brincadeiras fazem parte da infância, pois favorecem a socialização e a construção das relações interpessoais. No entanto, quando passam a excluir, constranger ou causar sofrimento a determinados estudantes, a escola precisa intervir. Nesse sentido, a instituição escolar deve promover práticas que valorizem a solidariedade, a cooperação, o respeito à diversidade e os direitos humanos, contribuindo para a formação integral dos sujeitos (BRASIL, 2017).

Ainda que conflitos escolares sempre tenham existido, estudos mostram que, por muito tempo, foram considerados naturais da infância e adolescência, recebendo pouca atenção dos adultos e, em especial, dos educadores. Constantini (2004) destaca que o bullying não deve ser confundido com brigas ou desentendimentos comuns entre estudantes, mas compreendido como um processo de intimidação contínua, que recai sobre indivíduos mais vulneráveis, resultando em sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

Para Guareschi (2008), o fenômeno é devastador, pois pode comprometer a autoestima e a saúde mental dos adolescentes, desencadeando anorexia, bulimia, depressão, ansiedade até o suicídio. Muitas vítimas desenvolvem medo, pânico e distúrbios psicossomáticos, evitando retornar à escola quando não encontram apoio da instituição.

A violência é um fenômeno antigo, presente no processo histórico de toda a humanidade. No contexto escolar, essa violência assume diferentes formas, dentre elas o bullying, que se manifesta de modo direto/explicito ou indireto/velado, sendo atualmente uma realidade frequente nas instituições de ensino. Nesse sentido, discutiremos neste capítulo as principais características desse fenômeno, seus personagens e as graves consequências decorrentes de sua ocorrência no ambiente escolar (Charlot, 2002; Fante, 2005).

2.2 - Características gerais dos envolvidos no bullying: agressores, vítimas e testemunhas

Diversos autores utilizam nomenclaturas distintas para designar os estudantes envolvidos no bullying. Campos e Jorge (2010) utilizam “autor” e “vítima”; Fante e Pedra (2008) falam em vítima, vítima provocadora, vítima agressora, agressor e espectador; Lopes Neto (2005) emprega os termos autor (agressores), alvo (vítimas), alvo-autor (quem tanto sofre quanto pratica agressões) e testemunhas (que podem reforçar ou ignorar a situação). Nesta pesquisa, será adotada uma junção das classificações de Fante e Pedra (2008) e Lopes Neto (2005).

Segundo Abramovay (2002) as instituições escolares têm se mostrado palco para os tipos de violência como: o bullying que se manifesta de formas anônimas, veladas e repetitivas, geralmente a vítima ou vítimas são atacadas pela combinação destas formas de bullying, aumentando a experiência intensa e traumática do fenômeno bullying.

Fante (2005) classifica o bullying em direto e indireto, compreendendo o bullying físico como visível a outros estudantes e apresenta comportamentos de natureza física, como bater,

empurrar, forçar com o corpo, chutar, tomar e danificar pertences, beliscar etc., portanto, o bullying direto se configura com práticas que envolvem a imposição de sofrimento físico, submissão de força, e em alguns casos, a humilhação pública do alvo.

A autora também aborda o bullying verbal, caracterizado por atitudes que têm como objetivo insultar, apelidar de forma vexatória e humilhante outros alunos, por meio de comentários ofensivos, racistas, homofóbicos e/ou intolerantes em relação às diferenças culturais, físicas, religiosas, econômicas.

De acordo com Lopes Neto (2005), o bullying envolve diferentes papéis entre os participantes, podendo ser identificados como agressores (autores), vítimas (alvo) e testemunhas (espectadores) em situações de violência entre pares no ambiente escolar. Cada estudante, dependendo do papel que assume ao vivenciar o fenômeno bullying em sua escola, será classificado em uma dessas categorias, podendo assumir mais de uma dessas posições durante o processo.

2.2.1 - Os agressores

Segundo Fante e Pedra (2008) os agressores no contexto do bullying escolar costumam intimidar colegas e buscar demonstrações de poder, valendo-se da força física ou de habilidades sociais desenvolvidas, como a capacidade de liderança e persuasão, o que frequentemente lhes confere popularidade no grupo escolar. Esses autores destacam que tais indivíduos apresentam comportamentos dominadores e baixa empatia em relação às vítimas.

Já Lopes e Neto (2005) classifica os autores do bullying em diferentes categorias, sendo autores agressivos caracterizados por serem fisicamente mais fortes, impulsivos e pouco empáticos; os autores passivos, são descritos como inseguros, com baixa autoestima e menor popularidade, que recorrem à agressividade como forma de afirmação; e as vítimas-agressoras, que representam uma parcela menor dos praticantes do bullying e geralmente alternam entre sofrer e praticar agressões, muitas vezes por terem sido previamente vitimizadas.

Em comum, observa-se que a agressividade constitui o elemento central entre esses perfis, gerando consequências negativas para o ambiente escolar e para as relações de convivência. Complementando essa abordagem, Lopes Neto (2005) destaca que tais características não devem ser compreendidas de forma generalizada. Embora o bullying possa manifestar-se em indivíduos de ambos os sexos, não existe um perfil único de agressor, sendo

fundamental que cada caso seja analisado considerando o contexto social, familiar e escolar em que o estudante está inserido.

2.2.2 - As vítimas

As vítimas de bullying são, em sua maioria, alunos submetidos de forma repetitiva a agressões físicas, verbais ou psicológicas, encontrando dificuldades para reagir ou romper com a situação de violência. Conforme afirma Fante (2005, p. 71- 72), a vítima típica “refere-se ao indivíduo que sofre repetidas vezes a agressão e não resolve a situação por não conseguir se impor; geralmente é tímida, insegura, submissa e possui baixa autoestima, o que a impede de reagir contra a violência sofrida”. Essa condição contribui para a manutenção do ciclo de violência no ambiente escolar.

Lopes Neto (2005, p. 165) reforça essa compreensão ao destacar que “as vítimas de bullying costumam apresentar dificuldades de socialização, baixa autoestima e medo de frequentar a escola”, evidenciando que a vitimização impacta diretamente o desenvolvimento emocional e o desempenho escolar dos alunos. Para o autor, a repetição das agressões gera sofrimento contínuo, que ultrapassa o espaço escolar e afeta a vida social da vítima.

Ao dialogar com essas perspectivas, Olweus (1993, p. 9) afirma que “um aluno é considerado vítima quando é exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos”, ressaltando o desequilíbrio de poder como elemento central da vitimização. Essa definição aproxima-se das concepções de Fante e Lopes Neto ao evidenciar a recorrência e a intencionalidade das agressões.

Além da vítima passiva, Fante e Pedra (2008) identificam outras classificações relevantes, como a vítima provocadora e a vítima agressora. Segundo os autores, a vítima provocadora “apresenta comportamentos impulsivos e provoca reações agressivas, o que pode intensificar os conflitos”, enquanto a vítima agressora, após sofrer maus-tratos, “passa a reproduzir a violência em outros colegas”, perpetuando o ciclo do bullying (Fante; Pedra, 2008).

As consequências do bullying para as vítimas são profundas e podem gerar impactos duradouros. Fante (2005, p. 10) afirma que essas práticas “provocam danos psicológicos irreparáveis às vítimas”, comprometendo sua autoestima, suas relações sociais e seu processo de aprendizagem. Silva (2010, p. 27) complementa ao destacar que “as vítimas costumam

desenvolver sentimentos persistentes de medo, vergonha, insegurança e isolamento social”, reforçando a gravidade dos efeitos da violência escolar.

Nesse sentido, Abramovay (2006, p. 37) enfatiza que “a violência escolar não se limita à agressão física, manifestando-se também por meio de humilhações, discriminações e exclusões”, práticas que intensificam a vulnerabilidade das vítimas. Assim, compreender o perfil das vítimas e os efeitos do bullying torna-se essencial para a construção de estratégias eficazes de prevenção e enfrentamento da violência no contexto escolar.

2.2.3 - As testemunhas

As testemunhas, também denominadas espectadores, correspondem aos alunos que presenciam os atos de agressão praticados pelos autores contra suas vítimas, sem, necessariamente, participarem diretamente das ações violentas. Apesar de ocuparem uma posição aparentemente passiva, esses sujeitos desempenham papel fundamental na dinâmica do bullying uma vez que suas atitudes – ou a ausência delas – podem contribuir tanto para a interrupção das práticas agressivas no ambiente escolar.

Conforme destaca Fante (2005), as testemunhas ativas contribuem para o fortalecimento das agressões ao incentivar ou articular os ataques, enquanto as testemunhas neutras mantêm-se passivas, muitas vezes em razão de uma “anestesia emocional” decorrente de contextos sociais marcados pela violência. Nesse sentido, Lopes Neto (2005) destaca que a omissão diante do bullying favorece sua naturalização no ambiente escolar, reforçando a necessidade de ações institucionais que promovam a empatia, a responsabilização coletiva e o rompimento da cultura do silêncio. Assim, torna-se imprescindível que a escola atue de forma preventiva e interventiva, criando estratégias que estimulem o posicionamento ativo dos estudantes em defesa da vítima e o enfrentamento das práticas agressivas.

Geralmente as testemunhas não falam sobre o que veem ou procuram ajudar as vítimas de situações de bullying. A omissão, nestes casos, também se configura como facilitadora para a continuidade das agressões que observa, contribuindo para o aumento da violência no ambiente escolar. Desta maneira, elas podem se tornar adultos sem empatia, além de desenvolver uma série de transtornos socio-afetivos. (Fante, 2005; Lopes Neto, 2005).

Durante o processo de agressões características do bullying, cada estudante, em um determinado momento pode transitar entre diversos papéis, podendo sofrer agressões, agredir ou presenciar as atitudes de desrespeito e hostis. Entendemos que independente das situações

que os estudantes vivenciam em situações do fenômeno, todos os envolvidos sofrem de alguma maneira com as suas consequências trágicas, devemos lembrar que os autores tendem a usar como um fator determinante os lares desestruturados dos envolvidos, seja eles testemunhas, agressores ou vítimas

3. O Bullying e a violência escolar

Durante muito tempo, as práticas de bullying não eram reconhecidas nas escolas brasileiras como formas de violência, sendo frequentemente tratadas apenas como “brincadeiras de criança” (Fante, 2005). Essa compreensão limitada contribuiu para a naturalização de comportamentos agressivos no ambiente escolar, dificultando o reconhecimento da gravidade do fenômeno. De acordo com Silva (2010, p. 162), essa situação está relacionada ao desconhecimento, à omissão e, em alguns casos, à negação da existência do bullying, o que favorece sua permanência no cotidiano escolar.

O bullying configura-se como uma forma específica de violência escolar, distinta de conflitos esporádicos ou brigas ocasionais, pois se caracteriza pela intencionalidade, repetição das agressões e desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Nesse sentido, Olweus (1993, p. 9) afirma que “um aluno é vítima de bullying quando é exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos, havendo um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima”. Essa definição reforça que o bullying ultrapassa atos isolados, constituindo-se como uma prática sistemática de violência.

No contexto brasileiro, Lopes Neto (2005, p. 165) define o bullying como “comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, que ocorrem sem motivação evidente, adotados por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e sofrimento”. Tais comportamentos podem assumir diversas formas, incluindo agressões verbais, físicas, psicológicas e simbólicas, impactando negativamente a convivência escolar e o desenvolvimento dos estudantes envolvidos.

Na escola, essas práticas costumam ocorrer de maneira velada, manifestando-se por meio de apelidos pejorativos, empurrões, ironias, exclusões e humilhações, muitas vezes disfarçadas de brincadeiras. Segundo Fante (2005, p. 28-29), o bullying caracteriza-se pela repetição prolongada dessas ações, que provocam sofrimento psicológico e danos emocionais, podendo gerar consequências irreparáveis às vítimas. Abramovay (2006, p. 37) complementa ao afirmar que “a violência escolar manifesta-se de diversas formas, não se restringindo à

agressão física, mas incluindo práticas simbólicas, verbais e relacionais que afetam profundamente o clima escolar”.

Além dos impactos emocionais e sociais, a violência escolar interfere diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Charlot (2002, p. 434) destaca que “a violência na escola compromete a relação do aluno com o saber, interferindo diretamente na aprendizagem e no sentido atribuído à experiência escolar”. Dessa forma, o bullying não afeta apenas as vítimas, mas também o ambiente escolar como um todo, prejudicando a construção de relações saudáveis e o desenvolvimento educacional.

Diante desse cenário, torna-se essencial que educadores, gestores, coordenadores pedagógicos e a comunidade escolar atuem de forma conjunta na prevenção e no enfrentamento do bullying. Conforme ressalta Fante (2005, p. 10), o fenômeno do bullying deve ser combatido por meio de ações contínuas de conscientização, diálogo e promoção de uma cultura de paz no ambiente escolar, reconhecendo-o como uma das principais formas de violência presentes nas escolas contemporâneas.

O enfrentamento ao bullying no contexto escolar tem sido reconhecido como uma responsabilidade coletiva, envolvendo políticas públicas, práticas pedagógicas e a participação ativa de toda a comunidade. Nesse sentido, o Ministério da Educação tem desenvolvido ações voltadas à prevenção e o combate ao bullying e do cyberbullying nas instituições de ensino brasileiras. Conforme divulgado pela Agência Gov (2025), o MEC lançou materiais orientativos com o objetivo de auxiliar escolas e redes de ensino na promoção de ambientes seguros, democráticos e inclusivos, enfatizando estratégias pedagógicas que estimulem o respeito mútuo, o diálogo e a cultura de paz.

Em outubro de 2025, a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei que institui uma política nacional de prevenção e enfrentamento da violência nas escolas, contemplando ações específicas de combate ao bullying e ao cyberbullying (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2025). A proposta prevê a adoção de protocolos obrigatórios para identificação e encaminhamento de casos, bem como e a promoção da formação continuada dos profissionais da educação. De acordo com a referida política, as instituições de ensino passam a ter maior responsabilidade na prevenção das práticas de violência, devendo desenvolver ações educativas, estratégias de acolhimento e acompanhamento das vítimas, além de envolver as famílias e a comunidade escolar no processo de enfrentamento do bullying.

Dessa forma, a atuação do poder público, por meio da formulação de políticas educacionais e da criação de diretrizes nacionais, mostra-se fundamental para subsidiar as práticas pedagógicas e fortalecer a cultura de respeito e convivência democrática no contexto escolar.

3.1 – A atuação do professor como mediador da prevenção e combate ao bullying

Nenhum espaço escolar está livre da ocorrência do bullying, que pode manifestar-se em diferentes instituições de ensino, sejam elas localizadas em zonas rurais ou urbanas. Trata-se de um fenômeno presente em diversas realidades educacionais, o que evidencia a necessidade de seu enfrentamento. Nesse sentido, torna-se fundamental ampliar o esclarecimento sobre o bullying na sociedade, visando à prevenção e à redução de seus impactos no ambiente escolar (Fante, 2005; Lopes Neto, 2005, pois segundo Silva (2010, p. 118), “a omissão do fato torna-se danosa para todos, pois dificulta e até impossibilita as ações de prevenção que poderiam impedir o aumento do problema”. A autora também ressalta que “os profissionais da educação, da saúde mental, da assistência social e da área do direito devem adquirir o máximo de conhecimento sobre o assunto” (Silva, 2010, p. 156).

Segundo Tiba (2006, p.158) “o enfrentamento do bullying, além de ser uma medida disciplinar, também é um gesto cidadão bastante educativo, pois prepara os alunos para a aceitação, o respeito e a convivência com as diferenças”. Na visão teórica Silva (2010, p.156) o fenômeno bullying “interfere drasticamente no processo de aprendizagem e de socialização de crianças e jovens”, o que se entende a partir deste relato é que as consequências deixadas acompanham a vítima por toda a sua vida pelo fato de serem experiências que deixam marcas na vida do indivíduo.

O bullying é um tipo de violência que precisa ser combatido por todos, sendo que ele em sua totalidade pode acarretar sérios problemas, por ser um fator de grande preocupação é necessário que as ações de combate tais como palestras, oficinas, rodas de conversa, e a parceria entre escola e família sejam levadas a sério, pois, é preciso investir em meios de prevenção e conscientização mediante a esse fator do fenômeno bullying.

Quando se fala em bullying escolar, é necessário considerar alunos, direção, funcionários e, principalmente, professores. Esse fenômeno está presente em muitas salas de aula e frequentemente ocorre na presença do docente. Por isso, é imprescindível refletir sobre o papel do professor, suas práticas, sua relação com os alunos e seu compromisso com a

educação. Cabe a ele interferir no momento certo e de forma adequada, promovendo um ambiente de respeito mútuo, solidariedade e cooperação (Silva, 2010).

O envolvimento do docente é fundamental para a prevenção da violência nas escolas, porque quando o educador apoia as vítimas, elas se sentem protegidas, além disso, cabe a escola assumir o seu papel de promover a prevenção, de ensinar e educar, disponibilizando profissionais que contribuam na execução de metas que resgatem a dignidade e a autoestima dos alunos envolvidos.

Nesse processo, é essencial que as escolas oportunizem aos alunos o acesso a informações e discussões sobre o tema, para que eles compreendam o que é o bullying e as suas consequências, com o objetivo de evita-lo, o professor, por sua vez, deve assumir um papel ativo na prevenção e identificação de situações que possam levar a essa prática dentro e fora da escola , para isso a sua formação deve prepara- lo para lidar com os impactos do bullying, conhecer suas manifestações e desenvolver estratégias de enfrentamento (Fante, 2005; Lopes Neto, 2005; Silva, 2010).

Assim, a escola e os educadores contribuem não apenas para o combate ao bullying, mas também para a construção do conhecimento e o fortalecimento de atitudes éticas e de respeito à diversidade. Dessa forma, torna-se fundamental que a instituição escolar desenvolva práticas pedagógicas que promovam o diálogo, a convivência pacífica e a valorização das diferenças, compreendendo o enfrentamento do bullying como um compromisso coletivo que envolve toda a comunidade escolar.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE

Esta seção destina-se à discussão e análise dos dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa. Busca-se interpretar os resultados à luz do referencial teórico que fundamenta este estudo, estabelecendo relações entre as percepções dos sujeitos, as práticas escolares e a contribuições dos autores que discutem o bullying no contexto educacional. A análise dos dados permite compreender como a violência escolar se manifesta no cotidiano da escola pesquisada, bem como identificar ações, desafios e possibilidades de enfrentamento dessa problemática no ambiente escolar.

4.1. O Lócus da pesquisa

O lócus da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Lydia Lima (EMEF), localizada no bairro Cacoal, na Travessa Ernesto Geisel, nº 110, cidade Acará-

PA. A instituição oferta o Ensino Fundamental regular e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo aproximadamente 537 estudantes matriculados, com quadro de 26 professores e 32 funcionários, 1 gestor escolar, 1 vice-diretor e 1 coordenador pedagógico. A escolha dessa escola como locús da pesquisa não se baseou na existência de dados formais ou registros institucionais de violência escolar, mas na compreensão de que o bullying pode estar presente de forma velada no cotidiano das instituições de ensino. Assim, a escola configura-se como um espaço pertinente para investigar as percepções dos professores acerca do fenômeno e das práticas de prevenção no contexto escolar.

Quanto à infraestrutura, a escola dispõe de rampa de acessibilidade, alimentação escolar, cozinha, sala de leitura, quadra de esportes, sala da diretoria, sala dos professores e sala de atendimento educacional especializado, além de acesso à internet, duas impressoras e um projetor, condições que favoreceram a realização da pesquisa e a coleta dos dados.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola não contempla projetos específicos voltados à prevenção e ao combate do bullying, o documento registra a realização de outros projetos pedagógicos desenvolvidos no contexto escolar. Entre os mais recentes, destacam-se ações voltadas ao incentivo à leitura e à escrita, projetos de reforço da aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática, atividades relacionadas à educação ambiental, bem como projetos alusivos à datas comemorativas e culturais do calendário escolar.

Há ainda iniciativas voltadas à promoção da saúde, ao esporte e à integração da comunidade escolar. Tais projetos contribuem para o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes; entretanto, não abordam de forma direta, sistemática e intencional as questões relacionadas à violência escolar e ao bullying. Assim, apesar da existência de ações pedagógicas diversificadas, evidencia-se a ausência de projetos institucionais específicos que contemplem a prevenção e o enfrentamento do bullying no ambiente escolar.

4.1.2 - Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram três professoras do sexo feminino, com faixa etária entre 35 e 40 anos e tempo de formação entre 15 e 21 anos. A primeira professora possui formação em Matemática e pós-graduação em Pedagogia Institucional e Psicopedagogia Clínica. A segunda professora é formada em Geografia e Pedagogia. A terceira professora é graduada em Pedagogia e em Ciências da Religião. A caracterização do perfil das participantes buscou compreender possíveis relações entre a trajetória formativa das docentes e suas concepções acerca do bullying no contexto escolar.

As docentes participantes atuam diretamente em sala de aula, lecionando nos anos finais do Ensino Fundamental, em diferentes componentes curriculares. Todas possuem contato cotidiano com os alunos e vivenciam situações relacionadas à convivência escolar e aos conflitos interpessoais. No entanto, conforme os relatos, nenhuma das professoras está à frente de projetos institucionais específicos voltados à prevenção ou ao combate do bullying, atuando, sobretudo, por meio de intervenções pedagógicas pontuais diante de situações de conflito identificadas no cotidiano escolar.

5.1.3 - Compreensão dos docentes acerca da prevenção do bullying

Para a compreensão das práticas de violência no espaço observado e tentando identificar quais as concepções dos sujeitos sobre bullying foi perguntado aos entrevistados o que compreendem por bullying. A partir das respostas, observou-se que os entrevistados associam o bullying a práticas de preconceito, discriminação e agressões, conforme expressa a (Professora P1) ao afirmar que se trata de “uma forma de preconceito que gera agressões e exclusão”. Outra compreende o bullying como um conjunto de intimidações de natureza física, verbal ou psicológica, como destaca a (Professora P2): “é quando o aluno sofre agressões físicas, verbais ou psicológicas de forma repetida”. A (Professora P2) ainda reforça o fenômeno como resultado da falta de respeito e de compreensão diante das diferenças, conforme relatado “o bullying acontece quando não há respeito pelas diferenças do outro”.

As concepções apresentadas pelos sujeitos entrevistados corroboram com as contribuições de Fante (2005), ao compreender o bullying como um comportamento agressivo, intencional e repetitivo, marcado por relações desiguais de poder e pela ausência de motivação aparente, que provoca sofrimento físico e psicológico às vítimas.

Nesse sentido, a intolerância às diferenças individuais e sociais constitui um dos principais fatores que sustentam as práticas de exclusão e violência no contexto escolar. Essa compreensão é evidenciada na fala da (Professora P3), ao afirmar que a violência escolar é resultado de “a vulnerabilidade social, a ausência de mediação de conflitos no contexto familiar e a exposição excessiva a conteúdos violentos sem supervisão”. Tal perspectiva aproxima-se das contribuições de Charlot (2002, p. 432), ao destacar que “a violência escolar é resultado da combinação de fatores sociais, familiares e institucionais, não podendo ser atribuída apenas ao comportamento individual do aluno”. Assim, observa-se que as concepções docentes reconhecem o caráter multifatorial da violência escolar, afastando-se de interpretações simplificadoras que responsabilizam exclusivamente o aluno.

Consideramos que as reflexões apresentadas pelos sujeitos da pesquisa ampliam nosso processo de compreensão do fenômeno investigado e evidenciam como o locús da pesquisa compreende o fenômeno do bullying no contexto escolar, as docentes demonstram conhecimento acerca do conceito de bullying, compreendendo como uma prática marcada pelo preconceito, pela exclusão e pela desvalorização das diferenças, o que se encontra em consonância com os estudos de Fante (2005) ao definir o bullying como uma forma de violência sistemática, intencional e repetitiva, presente nas relações interpessoais no ambiente escolar.

Destaca-se, entretanto, que tal compreensão não se constrói exclusivamente a partir da influência da mídia, embora esta exerça papel relevante ao conferir visibilidade ao fenômeno por meio de reportagens e noticiários. O conhecimento apresentado também se constitui a partir das suas experiências vivenciadas no cotidiano escolar, das interações com os alunos.

Nesse sentido, Charlot (2002) contribui ao afirmar que o saber docente é construído na articulação entre teoria, prática e experiência, sendo resultantes das vivências concretas no exercício da docência. Diante do exposto, observa-se que os professores demonstram possuir conhecimento acerca do fenômeno do bullying, reconhecendo-o como uma forma de violência presente no cotidiano escolar.

Tal compreensão, construída a partir das vivências em sala de aula e das interações com os alunos, revela-se um elemento importante para o enfrentamento da violência, uma vez que permite aos docentes identificar situações de conflito, comportamentos agressivos recorrentes e sinais de sofrimento entre os estudantes. Esse saber prático, articulado à experiência docente, contribui para a mediação de conflitos e para a adoção de estratégias pontuais de intervenção no ambiente escolar, conforme apontam as falas das professoras entrevistadas.

Entretanto, embora os docentes demonstrem conhecimento sobre o bullying e sua gravidade, constata-se que esse saber ainda não se materializa em ações sistematizadas de combate e prevenção no âmbito institucional. A ausência de projetos específicos no Projeto Político-Pedagógico da escola evidencia uma fragilidade no enfrentamento do fenômeno, uma vez que as ações permanecem restritas a iniciativas individuais dos professores, sem respaldo coletivo e planejamento contínuo. Dessa forma, o conhecimento docente, embora relevante, mostra-se insuficiente quando não articulado a políticas institucionais, projetos permanentes e estratégias preventivas que envolvam toda a comunidade escolar, reforçando a necessidade de ações planejadas e integradas para o enfrentamento efetivo do bullying.

5.1.4 – A intensidade da violência presente na escola a partir da percepção docente

A partir das entrevistas realizadas, observa-se que os professores entram em uma percepção consensual quanto à intensidade da violência presente na escola investigada, sendo classificado como moderada por todos os participantes. Conforme relatam as professoras:

Eu acho que tá moderado, [...] a partir do momento que a gente observa que está indo para o lado da violência ou querendo chegar nesse ponto a gente consegue através do diálogo conseguir conversar com as pessoas envolvidas ou quando o caso fica um pouco mais além, a gente encaminha para coordenação e a coordenação consegue conversar com os responsáveis (Professora P1).

Outra docente reforça que “nesses dois últimos anos diminuiu bastante, porque tudo funciona com uma boa gestão, então todo o conjunto escolar hoje tem trabalhado para contornar essas situações de violência” (Professora P2). A fala da professora P2 evidencia a percepção de que a atuação da gestão escolar tem contribuído para a diminuição das situações de violência nos últimos anos.

No entanto, tal redução não está associada à existência de projetos específicos de prevenção e combate ao bullying, mas a ações pontuais de mediação e resolução de conflitos no cotidiano escolar. Essas intervenções ocorrem, principalmente, por meio de conversas com os alunos e responsáveis, conduzidas pela coordenação e pelos docentes, sem que haja um planejamento sistematizado ou ações preventivas contínuas institucionalizadas no Projeto Político-Pedagógico da escola.

Dessa forma, embora os docentes percebam a violência como moderada e reconheçam avanços na mediação de conflitos, observa-se que as ações desenvolvidas ainda se concentram em respostas imediatas às situações já instaladas.

Essa compreensão vai ao encontro do que aponta Lopes Neto (2005), ao afirmar que a violência escolar nem sempre se manifesta de forma visível ou intensa, podendo apresentar-se de maneira contínua e silenciosa, especialmente por meio de comportamentos verbais e psicológicos. Dessa forma, a classificação da violência como moderada não implica sua inexistência, mas revela a predominância de práticas menos explícitas, porém igualmente prejudiciais.

No que se refere às formas mais recorrentes de violência, os sujeitos da pesquisa destacam a violência verbal e simbólica como as que mais exigem intervenção no cotidiano escolar. Essa realidade é evidenciada na fala de uma das entrevistadas, que afirma: “embora

não existam episódios frequentes de violência física grave, lidamos constantemente com a violência simbólica e verbal, que exige atenção diária da equipe pedagógica” (Professora P3).

Nesse sentido, Fante (2005) ressalta que práticas como apelidos pejorativos, humilhações, exclusões e agressões verbais fazem parte do fenômeno e, muitas vezes, são banalizadas no ambiente escolar. Para a autora, essas manifestações, embora sutis, produzem impactos significativos no desenvolvimento emocional dos alunos e no clima escolar, exigindo vigilância constante e ações educativas contínuas por parte da escola.

Dessa forma, os dados revelam que, mesmo em contextos onde não há predominância de violência física, a presença constante de agressões verbais e simbólicas requer atenção da equipe pedagógica. Tal constatação reforça a importância de ações preventivas permanentes, voltadas à promoção do respeito, do diálogo e da convivência saudável, conforme defendem Fante (2005) e Lopes Neto (2005), a fim de evitar a consolidação dessas práticas e evolução para formas mais graves de violência escolar.

No que se refere às manifestações do bullying no ambiente escolar, as professoras relataram que tais práticas ocorrem, sobretudo, por meio de apelidos, provocações verbais e atitudes discriminatórias entre os alunos. Uma das professoras afirmou que “o conflito de interesses existe, e o bullying acaba sendo uma forma deles mostrarem quem é que manda, essa que é o real” (Professora P1), enquanto outra destacou que se trata do

avanço dos meios de comunicação o ser humano perdeu alguns valores [...] essa falta de valores, tem me feito me perguntar porque tanta mudança, porque a soberba tem chegando muito cedo na vida dos nossos adolescentes [...] se tu for observar são várias vezes, são vários momentos que a mesma pessoa, que o mesmo grupo se reúne para taxar aquele outro, então aquele outro grupo vai e revida (Professora P2).

ela reforça dizendo que “a gente vive assim hoje num sistema educacional muito fragilizado” (Professora P2). Essas falas corroboram a perspectiva de Fante (2005), ao enfatizar que a intolerância às diferenças individuais constitui um dos principais fatores desencadeadores do bullying.

Quanto à atuação das docentes diante dessas situações, as professoras ressaltaram a importância da intervenção imediata, do diálogo com os alunos e do encaminhamento à equipe pedagógica quando necessário. Segundo uma das participantes, “quando a gente percebe uma

situação dessas, a gente acaba deixando de trabalhar o conteúdo do dia para ir mostrar que os dois precisam se dar as mãos, muitos não aceitam, mas muitos a gente consegue conscientizar” (Professora P2).

Enquanto a (Professora P1) relata que “literalmente para a aula, bora conversar, fazer um diálogo, porque eles colocam como brincadeirinha, mas é só um brincadeira, só que se você tivesse no lugar do colega vocês também achariam que era uma brincadeira”, ela complementa afirmando intervir com a conscientização fazendo o autor se colocar no lugar da vítima: “Felizmente eu coloco: olha você por exemplo coloque-se na roda, se fosse você que estivesse no lugar dessa pessoa, e todo mundo estivesse fazendo o que acabou de propor para toda a turma se sentiria bem?” (Professora P1) quando não existe mudança por parte do(s) autor(es) ela apela para intervenção da coordenação “quando percebemos que não adiantou encaminhamos para a coordenação pedagógica, para dar continuidade junto a família” (Professora P1).

Segundo Lopes Neto (2005), a atuação dos professores é fundamental para a identificação precoce do bullying e para a implementação de ações preventivas, uma vez que a omissão pode contribuir para a perpetuação da violência escolar. Assim, as práticas relatadas pelos docentes demonstram o reconhecimento de seu papel como mediadores no enfrentamento do bullying.

Diante das falas das professoras e do aporte teórico mobilizado, compreende-se que a manifestação do bullying no contexto escolar ocorre de forma complexa e multifatorial, sendo atravessada por aspectos individuais, sociais e institucionais. Observa-se que o bullying no contexto escolar está diretamente relacionado às relações desiguais de poder entre os alunos. Essas situações se agravam quando a escola não dispõe de ações de mediação e prevenção de conflitos, o que dificulta a intervenção e o enfrentamento da violência. Dessa forma, a fragilidade desses processos contribui para a permanência de práticas de exclusão no cotidiano escolar, evidenciando a necessidade de ações pedagógicas contínuas e organizadas, pautadas no diálogo e no respeito.

5.1.5 - A escola no enfrentamento ao bullying

A partir da análise das entrevistas realizadas, identificamos que a prevenção ao bullying na escola investigada ocorre de maneira fragmentada, descontinuada e desprovida de um projeto institucionalizado que oriente ações coletivas e permanentes. As falas das docentes revelam que, embora o tema da violência escolar seja reconhecido como relevante, ele não se

materializa em práticas sistemáticas que envolvam toda a comunidade escolar, permanecendo restrito a iniciativas individuais e intervenções pontuais.

A (Professora P1) explicita essa realidade ao afirmar que “se existe um projeto, não conheço”, o que evidencia não apenas a possível inexistência de um programa estruturado, mas também fragilidades na comunicação e na organização institucional. Apesar disso, a docente relata ações preventivas desenvolvidas em sua prática pedagógica, como o diálogo constante com os alunos e a realização de dinâmicas de grupo, ressaltando que “a prevenção precisa ser um tema a ser trabalhado sempre, não apenas em momentos específicos” (Professora P1). Essa fala demonstra a consciência da docente acerca da necessidade de continuidade, ao mesmo tempo em que revela que tais ações dependem exclusivamente da iniciativa individual do professor.

Essa percepção é corroborada pela (Professora P2), que afirma de forma direta que “não, infelizmente não tem” um projeto de prevenção ao bullying na escola. Segundo seu relato, o tema é mencionado em reuniões pedagógicas, porém “nunca saiu desse papel, para o real” (Professora P2), permanecendo no campo das discussões teóricas. A docente destaca ainda que, diante de situações de bullying, as intervenções ocorrem de forma imediata e isolada, uma vez que “se eu presencio, eu tento resolver, mas não existe um projeto que abranja a escola” (Professora P2).

Tal fala evidencia a ausência de diretrizes institucionais comuns, o que resulta em ações reativas, emergenciais e pouco articuladas, podendo levar a criação de um ambiente não atento às necessidades dos alunos, principalmente no que se relaciona a estímulo de uma cultura de paz na escola.

A (Professora P3) também aponta a inexistência de um projeto estruturado ao afirmar que “não assim, tipo assim não tem”, relatando que a escola costuma selecionar temas anuais para discussão, sem que isso se configure como uma política contínua de prevenção. A docente ressalta que, quando surgem situações de bullying, estas são encaminhadas à coordenação e tratadas de forma pontual. Além disso, chama atenção para a naturalização dessas práticas ao afirmar que “a gente já até se acostumou com as tal da brincadeira” (Professora P3)., evidenciando um processo de banalização da violência escolar, no qual comportamentos agressivos passam a ser minimizados ou confundidos com atitudes próprias da convivência entre os alunos.

As falas das entrevistadas dialogam com Charlot (2002), ao compreender que a violência escolar está relacionada às relações que os sujeitos estabelecem entre si e com a instituição. Para o autor, quando a escola, não assume um posicionamento claro e sistemático diante da violência, contribui para a fragilização das relações e para a naturalização de práticas agressivas no cotidiano escolar. Nesse sentido, a ausência de projetos institucionais compromete a construção do sentimento de pertencimento e dificulta o enfrentamento das violências veladas, como o bullying.

Conforme Fante (2005) o enfrentamento do bullying exige ações contínuas e integradas, que ultrapassem intervenções pontuais ou emergenciais. A autora enfatiza que ações pontuais, como palestras isoladas ou intervenções emergenciais, não são suficientes para prevenir o fenômeno, uma vez que não promovem mudanças duradouras nas relações interpessoais e na cultura escolar. Essa compreensão reforça a análise das falas docentes, que evidenciam a predominância de práticas fragmentadas e pouco efetivas.

Do ponto de vista legal, a inexistência de projetos institucionais de prevenção ao bullying distancia-se das diretrizes estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1996), que atribui à escola a responsabilidade de garantir um ambiente educativo pautado no respeito, na convivência democrática e na formação integral dos estudantes. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) estabelece, entre suas competências gerais, o desenvolvimento da empatia, do diálogo, da cooperação e da resolução pacífica de conflitos, o que pressupõe ações educativas contínuas e intencionalmente planejadas.

Ainda mais específica, a Lei nº 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, determina que as instituições de ensino promovam medidas permanentes de prevenção, diagnóstico e enfrentamento ao bullying. À luz dessa legislação, compreendemos que a ausência de projetos institucionais não representa apenas uma fragilidade pedagógica, mas também o não cumprimento de uma responsabilidade legal atribuída às escolas.

Diante do exposto, concluímos que a inexistência de um projeto institucionalizado de combate e prevenção ao bullying constitui um fator central para a fragilidade das ações desenvolvidas nas escolas investigadas. Embora as falas das professoras revelem iniciativas individuais relevantes e o reconhecimento da importância do tema, a ausência de planejamento coletivo e de ações contínuas limita a efetividade da prevenção.

Assim, reafirmamos a necessidade de que o enfrentamento ao bullying seja assumido como um compromisso institucional, integrado ao Projeto Político-Pedagógico e desenvolvido de forma permanente, envolvendo toda a comunidade escolar, como condição essencial para a construção de um ambiente educativo seguro, acolhedor e comprometido com a formação integral dos alunos.

5.1.6 - Prevenção e combate ao bullying escolar na percepção das professoras

A partir das falas das professoras, observa-se que a prevenção da violência escolar e do bullying está fortemente associada ao fortalecimento das relações interpessoais e ao cuidado com os aspectos emocionais dos estudantes. Uma das docentes destaca que a prevenção ocorre “através do fortalecimento da escuta ativa e da criação de redes de apoio emocional”, evidenciando a importância de espaços de diálogo no ambiente escolar.

Essa percepção indica que a atuação preventiva vai além de ações pontuais, exigindo atenção contínua às necessidades emocionais dos alunos. A (Professora P3) reforça essa ideia ao afirmar que é fundamental “investir em educação socioemocional, onde o aluno aprende a se colocar no lugar do outro”, apontando a empatia como elemento central para a redução de comportamentos violentos. Essas falas dialogam com Fante (2005), ao enfatizar que a prevenção do bullying deve estar relacionada à promoção de valores como respeito, solidariedade e convivência pacífica, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e seguro a longo prazo.

No que se refere ao combate direto ao bullying, as professoras ressaltam a necessidade de ações institucionais mais estruturadas e seguras. Conforme uma das entrevistadas, o enfrentamento deve ocorrer “com transparência, canais de denúncia seguros, onde o aluno não tenha medo de represálias” (Professora P3), evidenciando a importância de mecanismos que garantam proteção às vítimas. Além disso, foi destacada a relevância da participação da família, ao mencionar a necessidade de “uma parceria estreita com a família” (Professora P3), reconhecendo que o combate ao bullying não é responsabilidade exclusiva da escola.

Outra fala aponta que as intervenções devem ser firmes, porém humanizadas, ao afirmar que “o combate deve ser rigoroso na correção, mas também humanizado na compreensão das causas” (Professora P3). Essa perspectiva reforça a compreensão do bullying como um fenômeno complexo, conforme apontam Lopes Neto (2005) e Silva (2010), que defendem ações educativas aliadas a medidas de intervenção, evitando práticas punitivas isoladas e promovendo o diálogo e a responsabilização consciente dos envolvidos.

A análise dos dados evidencia que, embora as professoras não relatem a ocorrência frequente de episódios graves de violência escolar, elas identificam situações pontuais de conflitos entre os alunos e reconhecem a necessidade de intervenção pedagógica. Conforme relatado, as estratégias adotadas incluem rodas de conversa, mediação de conflitos e ações voltadas ao desenvolvimento da empatia e da escuta ativa. Observa-se que tais práticas priorizam o diálogo e a responsabilização dos envolvidos, bem como o envolvimento da família quando necessário.

Dessa forma, compreende-se que, ainda que os casos não sejam recorrentes, as docentes reconhecem a importância de ações preventivas contínuas para o enfrentamento do bullying e a promoção de um ambiente escolar seguro, essas práticas evidenciam o esforço da escola em promover um ambiente mais respeitoso e acolhedor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying entre estudantes é um fenômeno que tem atravessado gerações. Olhando para trás, a maioria de nós enquanto crianças e adolescentes, vivemos ou presenciamos situações de violência na escola que, de alguma forma, nos transformaram para sempre. É preciso salientar que o bullying entre estudantes envolvem questões mais amplas, uma vez que é uma expressão do preconceito e discriminação reproduzidos na escola, sendo um sintoma da violência social dentro desse espaço e que se configura a partir de sua constante frequência.

A pesquisa permitiu alcançar os objetivos propostos inicialmente, foi possível identificar as principais manifestações de bullying presentes no contexto escolar do município de Acará/PA, também foi possível compreender a percepção dos professores acerca do fenômeno e analisar as práticas desenvolvidas pela escola para a prevenção e enfrentamento.

A partir dos dados obtidos, foi possível constatar que o bullying está presente no cotidiano escolar, manifestando-se principalmente por meio de agressões verbais, exclusão social e apelidos pejorativos, muitas vezes sendo naturalizado entre os estudantes.

No que se refere à percepção dos professores, observou-se que os docentes reconhecem a existência do bullying e compreendem seus impactos no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento emocional dos alunos. Em relação às ações de prevenção e combate os resultados indicam que as propostas de intervenção ainda são incipientes, isoladas e pontuais sendo o tema compreendido, em grande medida, como responsabilidade docente.

Constatou-se também, que a escola não dispõe de projetos institucionais sistematizados voltados à prevenção e ao combate a essa problemática, o que revela uma fragilidade significativa na atuação institucional. Os dados indicam que as ações desenvolvidas ocorrem de forma pontual e reativa, restringindo-se, em sua maioria, a intervenções individuais dos professores, baseadas no diálogo. Embora tais iniciativas demonstrem compromisso docente, elas se mostram insuficientes para o enfrentamento efetivo do bullying, uma vez que não integram um planejamento coletivo e contínuo.

Essa realidade corrobora com as reflexões de Fante (2005), ao afirmar que a ausência de ações preventivas contribui para a naturalização do bullying no ambiente escolar. Do mesmo modo, Lopes Neto (2005), destaca que o enfrentamento dessas práticas exige programas permanentes que envolvam toda a comunidade escolar. Ademais, Abramovay (2012), ressalta que a negligência institucional diante de violências cotidianas compromete o clima escolar e o processo de ensino- aprendizagem.

Sob essa perspectiva, a escola atua de maneira tardia, limitando-se a responder aos conflitos após sua ocorrência, o que dificulta a transformação da cultura escolar. Conforme Freire (1996), a educação deve assumir um compromisso ético e político com a superação de práticas opressoras, exigindo ações intencionais e críticas por parte das instituições educativas.

Diante disso, torna-se imprescindível que a escola avance na construção de políticas pedagógicas e projetos contínuos de prevenção e combate ao bullying, inserindo essas ações no Projeto Político-Pedagógico. Assim, a prevenção deixa de ser pontual e passa a integrar a formação integral dos estudantes, contribuindo para a promoção de um ambiente escolar mais justo, seguro e inclusivo.

Como possibilidade de continuidade desta pesquisa, sugere-se a ampliação dos estudos envolvendo diretamente os estudantes, buscando compreender suas percepções sobre o bullying e as relações de convivência no ambiente escolar. Além disso, futuras investigações podem incluir a participação das famílias e da equipe gestora da escola, ampliando a compreensão sobre as estratégias coletivas de prevenção e combate ao bullying. Também recomenda-se o desenvolvimento de projetos pedagógicos que promovam a escuta ativa dos alunos, fortalecendo o espaço do diálogo, respeito às diferenças e construção de uma cultura de paz no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying**. Tradução: Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 9 nov. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Materiais do MEC apoiam escolas no enfrentamento ao bullying**. Agência Gov, Brasília, out. 2025. Disponível em: <https://agenciagov.etc.com.br/noticias/202510/materiais-do-mec-apoiam-escolas-no-enfrentamento-ao-bullying>. Acesso em: 16 jan. 2026.
- CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão: inclui cartilhas de orientações para pais, filhos e educadores**. 2. ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Câmara aprova política de prevenção e enfrentamento da violência nas escolas**. Brasília, 16 out. 2025. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1212483-camara-aprova-politica-de-prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- CARPENTER, Deborah; FERGUSON, Christopher J. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo: Butterfly, 2011.
- CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, 2002.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a observar**. 3. ed. São Paulo: Edicon, 2015.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho A.; SILVA, Michele R. da (coord.). **Bullying: mais sério do que se imagina**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; Mundo Jovem, 2008.

LIMA, Joseane André de. **O bullying e a indisciplina como fatores comprometedores do ensino e da aprendizagem na escola**. 2014. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém/PA, 2014.

LOPES NETO, Aramis Antonio. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v.22, n. 37, p.7-32, 1999.

OLWEUS, Dan. **Aggression in the schools: bullies and whipping boys**. Washington: Hemisphere, 1978.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Oxford: Blackwell Publishing, 1993.

QUARESMA, Maria Cristina de Almeida. **O bullying e suas interferências no processo de ensino-aprendizagem**. 2021. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém/PA, 2021.

ROSSET, M. S. **Pais e filhos: uma relação delicada**. 3. ed. Curitiba: Sol, 2007.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. Ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Integrare, 2006.